

Deligny Clínico

Luis Eduardo P. Aragon

Fernand Deligny são duas palavras, nomes próprios, que dificilmente dão conta da pluralidade de linhas, *linhas de errância* [lignes d'erre], que constituem o que poderíamos chamar de uma *cartografia e seus chevêtres*, traços de uma vida vivida no infinitivo de um viver.

Difícil capturar Deligny na figura de um pedagogo, psicólogo ou terapeuta, o que também torna difícil a auto-incumbência de “delinear” um Deligny clínico. Ele próprio preferiria antes ser caracterizado como etólogo, se alguma alcunha fosse sentida como necessária.

O mapa de seu viver comporta mais esquivas e desvios do que intenções clínicas ou fazeres terapêuticos. Melhor, nada poderia ser mais alheio às ações de Deligny do que querer tratar quem quer que seja, no sentido em que poderíamos dizer de um fazer clínico numa sociedade medicalizada como a nossa. Entretanto, isto não impede de acompanharmos os desdobramentos destes traços, deste viver, e perceber nos desenhos que se formam, nas cores, na superposição de linhas, nas teias, nos comuns que surgem dos papéis vegetais de sua vida, efeitos clínicos. Clínico como aquele que se revolta contra as violências sociais, os preconceitos, as torturas e busca caminhos para que cada indivíduo, com suas singularidades e idiossincrasias, possam co(n)viver em espaços muito concretos e costumeiros.

A primeira das linhas que trago, foi como que escolhida pelo próprio Deligny. A iluminura mais antiga que, segundo ele, ressoou durante toda a vida desde que foi “atingido”, a “cena decisiva”. Aos sete anos, há pouco órfão de pai, morto na fazenda Biette, em 1917, por conta da Primeira Guerra Mundial, encontra-se sozinho, retornando para casa de uma Feira em Lille, quando por entre tendas e barracas encontra uma cabana miserável, caindo aos pedaços, de tábuas unidas por um frontão e encimada por uma gaiola, como uma lanterna de popa de uma embarcação. Na gaiola quatro ou cinco macaquinhas agachados, gelados e enfraquecidos sob o frio do norte da França. Encolhidos sobre seus ventres buscando se aquecer, com as mãos agarradas as grades, de olhos arregalados olhavam para ele.

O que, o então menino, era obrigado a ver o “feria profundamente” e o atordoava de “vergonha e cólera”. Uma ruptura se deu: “lá onde minha dor foi mais grave, o traço gravado tendo, sem dúvida, marcado o suporte tão profundamente que o atravessou”.

Ele não estava aterrorizado apenas por estar frente a uma violência, mas também pelo fato de que não poderia explicar para os macaquinhas que não era ele o promotor daquela atrocidade. Naquele momento era um “semelhante”, um alguém [ON], completamente sozinho no mundo com a dor de não poder se discriminhar, aos olhos dos macaquinhas, deste “alguém”, de quem não era, de forma alguma, solidário . Descrevendo esta cena já com setenta anos conta que, desde então, as violências perpetradas por este “alguém”, fundamentalmente malfeitor, não o surpreenderam mais... estava pronto para a esquiva. (Deligny, 2012, p.25-7)

Inúmeras foram as violências que Deligny viu, carregadas pelas mãos de seus “semelhantes”. Não só guerras, mas prisões, sanções, privações e humilhações de todo tipo, atingindo homens como seu pai e a si mesmo – na resistência à ocupação Alemã – , mas também mulheres, crianças, jovens, animais... Para fazer frente a isto irá, incessantemente, esquivar do lugar do alguém [on], nas atitudes e na escrita, buscando um outro suporte de inscrição, um topo, na figura de um

comum de espécie. Comum tecido num quotidiano, concreto e costumeiro, nunca perdendo de vista a tentativa de buscar condições para a co(n)vivência respeitando-se as diferenças, pois os chevêtres de linhas se recobrem, mas por mais numerosos que sejam, não se misturam, preservando cada qual sua singularidade.

Engajou-se ainda jovem no partido comunista, alinhando-se com a perspectiva de uma alternativa ao conservadorismo francês e as opressões capitalistas. Sendo fiel à recusa das opressões, sempre relançada à sua maneira, mais tarde iria grafar a palavra comunismo com um hífen entre o comum e o ismo, comum-ismo, pautando sua vida em função do comum.

Como diz Toledo:

A vida de Deligny, sua obra, seu engajamento mesmo, se elevam sobre este fundo de recusa, de não possuir nada próprio, a começar por si mesmo. A celebrar o nome daquele que busca uma língua sem sujeito, uma língua infinitiva, desembaraçada do “se”, do “si”, do “eu”, do “ele”; uma língua do corpo e do agir, ao mesmo tempo concreta e delimitada, repetitiva até o ritornelo, que cultiva a opacidade por temor de ser compreendida, mal compreendida, pêga. A obra de Deligny é justamente a imagem de um processo de desapego de si e do Um, no trabalho de escritura e na procura sempre recolocada sobre o trabalho de um comum de espécie, para fazer face às violências do sentido da história. (Toledo, 2007, p. 21)

Colocado isto podemos afirmar que Deligny irá, desde o princípio, inverter o sentido que procura ver no indivíduo os males da sociedade. “*São eles que precisam ser tratados*”, e por eles entenda-se educadores, pais, especialistas, portadores da linguagem simbólica e toda sorte de maiorias que impõem, de forma mais ou menos explícita, seus modos de viver, seus preconceitos, suas “normalidades” e regras como preceitos, prescrições e imposições.

Nos cortiços da periferia de Lille e no hospital psiquiátrico de Armentières, onde tinha classes de crianças “ineducáveis”; no Centro

de Observação e Triagem (espécie de abrigo com cerca de 80 jovens e crianças) e no Grande Cordão [La Grande Cordée] com adolescentes “invivíveis”; ou nas “áreas de estar” [aires de séjour], em Cévennes sul da França, com “encefalopatas profundos”, autistas ou crianças a serem jogadas no lixo (expressão utilizada por psiquiatra do hospital Salpêtrière em Paris, conforme relatado por pais de uma criança recebida por Deligny); em todas estas experiências ressoou o bordão: “saúde mental e revolução não andam separadas [...] Revolução quer dizer outras instituições...” (Deligny, 2007, p. 775).

Para forjar outras instituições teceu tentativas, quer dizer, “avanço que necessita um espaço livre e a procura rigorosa de um núcleo arcaico rico em revolta”. Assim, a cada momento, se instituía universos de relação que desviavam dos métodos e procedimentos das ciências educacionais, psicológicas ou médicas. Nas palavras, um tanto provocativas, dele: “não se trata de método, eu jamais tive um. Trata-se antes de, em um momento dado, em lugares muito reais, numa conjuntura que não pode ser mais concreta, tomar uma posição [...] A cada vez, ela era circunscrita, investida e eu me virava como podia, sem armas e sem bagagens e sempre sem método” (Deligny, 2007, p. 418).

Apesar desta afirmação, a prática de Fernand sempre teve um *modus operandi* característico, que se pautou por rigorosos preceitos éticos. Ausência de sanções, abolição das punições físicas e das reclusões, foram sempre seguidas à risca, e faziam forte contraste com aos aparelhos de educação, re-educação, tratamento e disciplinarização da época. Igualmente importante era o que se poderia chamar de uma “ética topológica” que implicava em prover espaços abertos, ausência de muros e de dossiês (cárceres na forma de poder burocrático). Deligny lembra, num belo texto, que para ele “liberdade é elemento” (Deligny, 2012, p.48) e que, como o mar, não esperou o homem para existir. Refere-se ao gesto no ar que simulava uma rubrica no dossiê dos internados no asilo de Armentières, que o chefe alemão fazia, em ameaça por conta de alguma balbúrdia ou agitação sentida como excessiva. Reinava então o silêncio, resultado do pavor insuportável de uma prisão perpétua. Este foi, certamente, um dos motivos dele ter deixado

La Borde (clínica psiquiátrica de vanguarda conduzida à época por Jean Ouri e Felix Guattari), a existência de copiosos dossiês.

Espaços abertos, ateliês, brincadeiras diversas, acampamentos, esportes, passeios ou simplesmente a ocupação comum de um espaço, eram agires *para nada [pour rien]*, como costumava dizer, cultivados e sustentados por aquele que se dizia um “produtor de circunstâncias”. Nestas circunstâncias era possível “deixar rolar o imprevisto, para que não importa o quê pudesse chegar” (Deligny, 2007, p. 422).

Em cada tentativa formava-se um coletivo, coletivo-rede, coletivo-teia, coletivo de presenças que, sendo apenas próximas, mantinham sua linha de errância singular. *Vagabundos eficazes, ou seja, ex-presidiários, carcereiros, operários, agricultores compunham “uma estrutura em rede, aberta, inscrita na realidade geográfica e social dos adolescentes, e um trabalho assegurado por não-profissionais, vindos do povo como os adolescentes.”* (Toledo, 2007, p. 113). A toada da formação dos coletivos é bem própria a Deligny e completamente desvestida de qualquer sentimentalismo, como podemos depreender do aforismo: “*Repila aqueles que vêm se oferecer: não vá buscar aqueles que se afastam de você e conte com aqueles que ficam. Se só há um, comece com este.*” (Deligny, 2007, p. 122).

E assim, com uma ética não punitiva, espaços desimpedidos e o apoio de coletivos locais não especializados, foi possível evitar com que inúmeras crianças e adolescentes padecessem do mal maior que era esperar a morte ou o ápice da adaptação social, no caso dos delinquentes [como escreveu em “Graine de Crapule” (2007, p. 126), referindo-se aos jovens privados de comida, presos em celas de isolamento nas casas de reclusão ou àqueles que se alistam no exército] ou a internação, a exclusão, a auto-mutilação e os maus tratos, no caso dos “retardados”.

No entanto engana-se aquele que acredita que Deligny era um “humanista”! Moreau já antecipa que “*não é se debruçando sobre os outros com comiseração que nós os ajudamos verdadeiramente. O que é preciso fazer, é não agir por eles ou em seu lugar, mas permitir que ajam*” (1978, p. 94). Perspectiva da desdramatização da infância operada por Deligny

que afirma: “o que queremos para estas crianças é ensiná-las a viver, não a morrer. As ajudar, não as amar” (2007, p. 111). Importa ainda insistir neste ponto! Sandra de Toledo ressalta que “sua posição [de Deligny] de maneira alguma coincidia com uma “obra coletiva” [...] e ele não compartilhava nem das ideias nem do vocabulário dos humanistas “amizade”, “confiança”, “entusiasmo”, “harmonia”, “alegria de estar junto” ou “fé no homem” marcam o fundo histórico religioso, cristão-democrata ou comunista, da educação especializada. Em uma linhagem anarquista da família de sua mãe, Deligny era profundamente “descrente” (Toledo, 2007, p. 156).

Como não se pergunta a uma aranha o porquê dela tecer sua teia, também não cabe perguntar ao adolescente ou ao autista porque eles agem como agem. Importa sim “dar voz” a este tecer, a estes agires para nada [pour rien], ao imutável ou memória de espécie, esquivando das ideologias, das teologias, das teologias sejam elas pedagógicas, psicológicas, psicanalíticas, lingüísticas, estruturalistas ou quaisquer outras. Desta maneira colocou na mão dos adolescentes inadaptados uma câmera super 8 para, filmando o que quisessem em seu quotidiano, fizessem eles mesmos o que mais tarde as mãos das “presenças próximas” fariam acompanhando o movimento dos autistas... cartografias.

As cartografias foram consideradas pelo próprio Deligny como um grande achado e compõem, de maneira destacada, a órbita ético-político-clínica dele, enquanto tratamento da sociedade e de seus jogos de poder e opressão.

A cena mítica é aquela em que Jacques Lin, 21 anos, operário, pergunta ao renomado “especialista em educação e psicologia” Fernand Deligny, o que fazer com o autista que está se mutilando. Esquivando-se deste lócus, Deligny não se propõe a “falar sobre”, ou a “fazer falar” (“pas de parole, pas de cas”), no lugar disso propõe que se transcreva o deslocamento das crianças, eclipsando um saber transcendente em favor do forjar de uma estratégia para “aprender a ver o que não nos enxerga” (2007, p. 849). A mão torna-se autista, acompanhando o deslocamento e os agires tanto das crianças quanto das presenças próximas. Reparem no vulto e no alcance desta tomada de posição,

que certamente está em continuidade com toda a sua vida. Há um apagamento da figura do saber, do especialista, da hierarquia quanto a Jacques e quanto ao autista. Ao mesmo tempo há uma valorização do que aquele excluído, doente, incapaz tem a “dizer”. Ainda além, isto só é possível com o “tratamento”, a “transfiguração”, a “minorização” daquele que arrogantemente dita as regras: o adulto, homem, especialista, portador da linguagem simbólica. Inúmeras ferramentas foram criadas ou buriladas nesta tentativa que se iniciou no final dos anos sessenta e que levava a que as crianças sob o cuidado desta rede, deixassem de manifestar sofrimento (fato reconhecido por pais e profissionais que encaminhava as crianças aos cuidados de Deligny): as crianças eram absolutamente respeitadas em sua sensibilidade ao olhar ou à fala dos adultos para com elas, sendo retirados ambos; o agir para nada tomou o lugar do fazer com finalidade; “este” olhar, “este” balançar substituíram o reflexivo “se” olhar ou “se” balançar de um sujeito simbólico que se coloca como medida de todas as coisas; o autismo passa a ser o eclipse, a condição de percepção e resistência ao “sol que nunca se põe” que é a linguagem do “homem que nós somos”.

Para termos uma dimensão da importância que a chegada de Janmari (“encefalopata profundo” que viveu com Deligny até a morte deste) teve na vida de Deligny, inaugurando o período em que saindo de La Borde chega a Cévennes e dedica-se ao acolhimento de crianças autistas, reproduzo um pensamento de sua amiga Anne Querrien. Ela sugere que talvez hoje fossem os refugiados da África e da Síria os focos de interesse dele. Isto pois, são sobre estes que o peso das violências do mundo incidem com maior crueldade, estando os autistas como que “absorvidos” pelos sistemas terapêuticos e financeiros. Mais uma vez, Deligny nunca se preocupou em “tratar” ninguém, muito menos os autistas. Ao invés, procurou expor a cultura e a sociedade em suas tiranias, mesmo que travestidas de cuidados.

Tendo passado por algumas poucas linhas que atravessam as pranchas de um viver singular e extemporâneo, retomo a proposição de que Fernand Deligny foi sim um clínico. Um clínico às avessas, poderíamos dizer, que confrontava a sociedade com suas mazelas, não

permitindo que as etiquetas acoladas ao ser das crianças e jovens – delinquentes, autistas, desajustados, retardados, psicóticos, encefalopatas, invivíveis – fosse justificativa para torturas e humilhações. E “apenas” isto já era muito mais do que se poderia imaginar e querer para um agir clínico. Encontrar uma alternativa aos encarceramentos; brincar; produzir circunstâncias e oferecer uma outra perspectiva de vida que não a morte ou a adaptação a um modo de ser “normal”, que encontra nas guerras, no *perorar* e na crueldade seu sentido; oferecer espaços abertos onde, talvez, um topo do existir possa vir a ser; tratar-se em seus preconceitos para poder criar comum e assim encontrar o caminho do menos sofrer, sem medicamentos, disciplinizações ou adestramentos; tudo isto ofusca o olhar acostumado a andar cabisbaixo. Equilibrados todos, vagabundos e outros humanos, em uma *balsa* [radeau], do alto da autoridade que a precariedade assumida e a firmeza ética lhes deu, são clínicos hoje, enquanto estendem o espelho que reflete os traços da fisionomia arrogante e cruel do preconceito.

Num período em que a intolerância é abertamente propalada e justifica, por si só, agressões e mortes; que os comportamentos são patologizados conduzindo as pessoas a comprarem a segurança da normalidade através de medicamentos e terapias; que muitos procedimentos terapêuticos alienam as pessoas de suas singularidades em favor da adaptação ao establishment; que o coletivo se exime do que aparece enquanto sofrer nos indivíduos des-solidarizando-se deles, temos na vida de Deligny um sopro de ar que parece vir de um futuro ainda distante.

Referências Bibliográficas

- Deligny, F. *Fernand Deligny: Oeuvres*. Éditions L'Arachnéen: Paris, 2007.

Lointain Prochain: Les deux mémoires. Éditions Fario: Paris, 2012.
Moreau, P-F. *Fernand Deligny et les ideologies de l'enfance*. Éditions Retz: Paris, 1978.
Toledo, S. A. Textos diversos In. *Fernand Deligny: Oeuvres*. Éditions L'Arachnéen: Paris, 2007.